

Elza Cotrim Soares e sua nova (ou antiga) paixão

Elza Cotrim Soares podia ter ficado em Maceió ou em Londrina, mas largou tudo para lutar pela Universidade de seus sonhos. Influenciou e formou gerações de médicos, além de ser pioneira na publicação de uma pesquisa brasileira sobre Gastrina, um hormônio que estimula a secreção de suco gástrico no estômago, na revista *Gastroenterology*. Após 35 anos de trabalho e dedicação, aposentou-se da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, em 2012. Além de desenvolver projeto em sua área, divide o tempo entre os netos e sua nova (ou antiga) paixão: escrever. Promete, para breve, um romance. Seu estilo guerreiro se reflete em seus textos – ficção, realidade e assombrosa competência.

Crônica de amor... ou a tragédia anunciada

Clara ia feliz pelas ruas de São Paulo, pensando em como era plena sua vida, não que fosse fácil, pois não era mesmo. O estágio estava muito apertado, trabalhava demais, mas na sua idade dava pra aguentar bem. Pegava o ônibus de volta da USP para o apartamento de Toninho; esperava-o para um jantar comercial, perto da Consolação. O dinheiro era pouco, mas não sentia saudades da época em que havia maior fartura de comida em sua vida, mas menos futuro. Este, parecia agora bem consistente e seguro. Tinha um emprego, ainda que transitório, e tinha um companheiro com quem podia compartilhar seus sonhos.

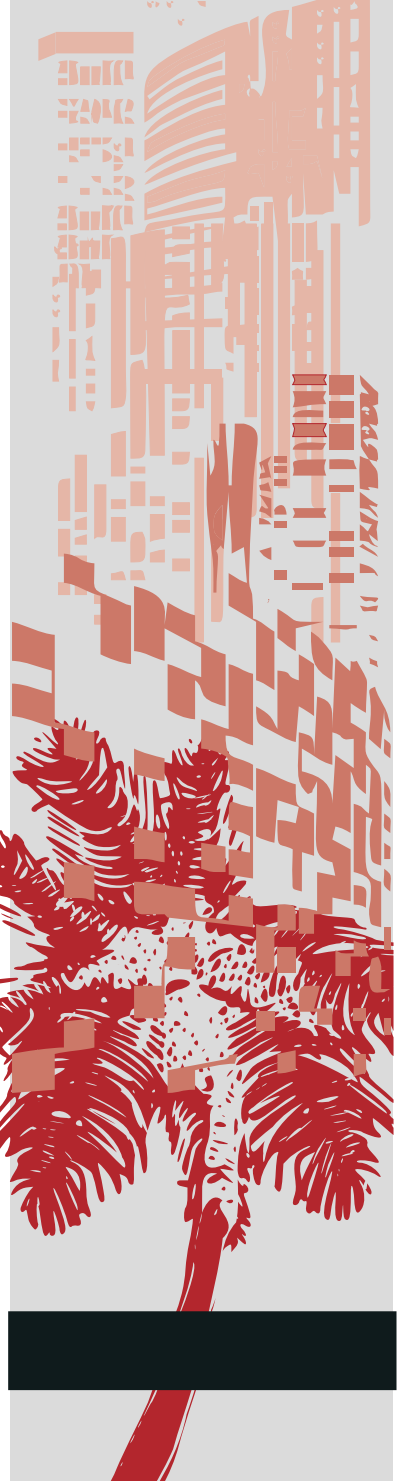
Apesar da sensação de bem-estar de Clara, e de estar em um período de reconstrução democrática no país – em pleno 2006 –, a violência urbana tinha seu espaço garantido.

São Paulo vivia dias tumultuados que contaminavam não só a capital, mas também algumas cidades mais expressivas do interior do Estado. Tinha ocorrido vários atentados seguidos a Delegacias de Polícia, com a consumação de agressões e crimes a policiais que trabalhavam naqueles locais, presumindo-se na imprensa, tratar-se de manifestações do Primeiro Comando da Capital (PCC). Para a mídia, seria uma organização comandada a partir dos presídios, e que estaria insatisfeita com o tratamento dado a seus membros e com a transferência de seus líderes para presídios de segurança máxima localizados no interior, onde cumpriam pena sob maior rigor da lei, distantes de suas cidades de origem, isolados

de suas famílias. Era esta, pelo menos, a explicação aventada pelos jornais da época.

Vários agentes da lei tinham sido baleados, já se contabilizando várias mortes nesta categoria. Seus carros, mesmo em trabalho, eram metralhados, deixando sempre um saldo de pessoas mortas ou muito feridas. A polícia estava muito revoltada e anunciava, sem medo, que para cada um dos seus mortos, 10 a 20 civis seriam eliminados. O medo andava por toda parte e os boatos se multiplicavam, trazendo mais insegurança à população. Até mesmo em Campinas, surgiu o boato de que no campus da Unicamp haveria um atentado, levando a grande correria em suas unidades e ao fechamento precoce de suas instalações em certo dia daquele mês.

Ao descer do metrô, em São Paulo, Clara andou três quadras para alcançar o local que lhe tinha sido destinado para as entrevistas de famílias que teria que fazer para a pesquisa para a qual fora selecionada.





Pensava em como sua vida tinha mudado, e apesar do momento trágico e difícil que vivia o país, acreditava que haveria uma infinidade de possibilidades a serem exploradas pela vida afora, e isto sim, tornava a sua vida uma vida de verdade. Apesar do tempo quente, sentiu um arrepio de frio inexplicável.

Pensou que deveria se cuidar mais, e pensou também que após aquele projeto haveria um monte de outras oportunidades pelas quais teria de lutar. Continuou seguindo pela rua, quando viu passar um carro de polícia em média velocidade, um dos policiais olhando-a mais detidamente... fixando-a...

Olhou de volta, e de nada mais se lembrou, caindo lentamente no chão duro da rua, frio, muito frio, já não conseguia fixar as pessoas direito, as imagens foram-se apagando... pensou em Toninho, em seu pai, sua mãe, sua terra, ah, sua terra..., os coqueiros verdes, o mar muito verde, as pessoas, que bonita era sua terra... os coqueiros tornaram-se cada vez mais distantes, distantes...distante...s.

Toninho soube do que aconteceu na mesma noite. Dirigiu-se ao Pronto Socorro do hospital onde Clara foi admitida em estado grave. Esta noite seria uma noite muito longa, e muita coisa se passava em sua mente, enquanto aguardava notícias de sua querida companheira.

O corredor do Pronto Socorro era branco e comprido. As pessoas, principalmente os enfermeiros, os médicos e os residentes de Medicina, pareci-


am correr o tempo todo, atendendo aos mais graves, aliviando a dor de outros, e... ia passando o tempo... o tempo... este "malvado", que ao sermos jovens só pensamos nele quando somos interrompidos em nossos projetos, e percebemos nossa finitude.... Ah, se ao menos tivesse fé, e mesmo sem fé soubesse rezar...

Não entendia como uma bala perdida poderia ter pego exatamente sua querida menina, quando a vida, tão dura e perigosa, parecia mostrar que não tem só dores, também traz bons sabores para quem se aventura a descobri-los. Não estava preparado para um golpe tão duro! O momento por que passava o país era tão complicado, tão difícil, mas sempre manteve a esperança com relação a uma vida plena para si, construindo uma nova família, insistindo em permanecer no país mesmo em situação tão adversa.

Sentou-se em um banco do Pronto Socorro, muito cansado, com exaustão psíquica, mas física também. O que lhe estaria sendo reservado pela vida? Se o pior acontecesse, como reagiria? Teria forças para continuar lutando? Como ficaria Clara se sobrevivesse? Teria sequelas? Conseguiria andar?

Toninho adormece, músculos contraídos, mas sem o impedir de sonhar com Clara lhe sorrindo, esperando por ele... Até acordar... e ter notícias... Um homem de avental, provavelmente o médico, vinha lentamente por este corredor, em sua direção. Alguma notícia haveria de ser dada...

No dia seguinte, haveria um dia azul, muito lindo, mas Toninho não conseguia visualizá-lo.

Estava postado em um banco em frente ao Instituto de Medicina Legal, aguardando o final da necrópsia que estava sendo realizada, a fim de fechar mais um cadeado em sua vida, em seus sonhos... 

Se você escreve, mande seus poemas, contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br

